DO OFÍCIO DE CONSTRUIR PONTES

Aprende a procurar a sabedoria como quem constrói uma ponte (...)
José Tolentino Mendonça

Os estudos incluídos neste volume especial da *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* constituem a singela, mas mais do que justa homenagem, com que Colegas e Amigos do Professor João Manuel Nunes Torrão quiseram assinalar a sua aposentação. Professor Catedrático no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, instituição na qual, desde 1995, exerceu funções docentes na área de Estudos Clássicos, o nome do homenageado ficou-lhe indelevelmente associado, não apenas pelo magistério que aí exerceu, mas também pelo modo como soube inscrever, no curso quotidiano da vida departamental, uma presença simultaneamente discreta e decisiva.

Os que com ele, ao longo desses anos, privaram guardam invariavelmente a memória de um homem de ação, justo e genuíno, discreto e conciliador, frontal e afável, que, melhor do que ninguém, soube construir pontes, consabidamente difíceis de erguer no cada vez mais burocratizado *struggle for life* universitário. Será, porventura, essa marca do humanista em ação que orientou a sua carreira universitária, sempre transitivamente dirigida ao Outro: aos estudantes, aos colegas, aos funcionários, às instituições, às comunidades e aos lugares onde o saber encontra a sua mais plena justificação humana.

Construiu essas pontes diligentemente enquanto Professor, tarefa a que ininterruptamente e com paixão se dedicou, designadamente nas aulas que nunca deixou de querer lecionar aos jovens recém-chegados à Universidade, mesmo quando outras obrigações poderiam tê-lo delas isentado, bem como na orientação de inúmeros estudantes de mestrado e doutoramento. Fê-lo com a convicção, hoje talvez mais premente do que nunca, de que ensinar não é apenas comunicar um saber inerte, mas abrir caminhos de inteligência, rigor e liberdade interior. Construiu-as, ainda, quando elegeu justamente a didática das línguas clássicas como território de investigação, conferindo dignidade epistemológica a uma área de estudos à época escassamente explorada e demonstrando, pelo exemplo, que

a prática e reflexão pedagógicas podem e devem ser também lugar de exigente produção científica.

Construiu-as, de igual modo, nos incontáveis cargos de gestão universitária que, com reconhecida competência, desempenhou na Universidade de Aveiro, e para os quais foi reiteradamente eleito pelos seus pares. Como Diretor do Departamento de Línguas e Culturas — designativo que, pelo exercício perdurável dessas funções, de certo modo se lhe associou *ad aeternum* por antonomásia —, manteve permanente interlocução com docentes, funcionários e estudantes, mas também com os diferentes órgãos da hierarquia universitária, procurando compaginar interesses e expectativas, resolver impasses e dirimir conflitos. Quem conhece os arcanos, tantas vezes insondáveis, das instituições universitárias sabe bem quanto esse labor, silencioso e nem sempre devidamente reconhecido, requer prudência, sentido de justiça, pertinácia argumentativa e firmeza ética.

Construiu-as, ainda, na recetividade generosa com que, na qualidade de Diretor do Departamento de Línguas e Culturas e, cumulativamente, de Coordenador da sua Unidade de Investigação, acolheu e estimulou projetos, parcerias, iniciativas científicas e programas de mobilidade, numa defesa intransigente da relevância institucional e do impreterível contributo disciplinar das Humanidades para a formação de cidadãos criticamente conscientes e humanamente íntegros. Num tempo em que a Universidade se vê como nunca compelida a justificar-se segundo critérios que nem sempre reconhecem a morosidade fecunda do estudo ou a inaparente, mas indeclinável, utilidade dos "saberes inúteis", essa defesa das Humanidades constitui também uma forma de resistência serena e ativa.

Construiu-as, enfim, na revista *Ágora*, em cujas páginas simbolicamente escolhemos dar à estampa os estudos em sua homenagem, que fundou e consolidou como espaço congregador de diálogo científico entre classicistas, hoje reconhecido nacional e internacionalmente. Também aí se intui uma das linhas de força norteadoras do seu percurso: a capacidade de criar lugares de encontro, de escuta e de circulação do saber, onde a especialização disciplinar não é clausura, mas constitui antes idioma partilhado.

Continua a construí-las hoje, dedicando-se a dinamizar visitas interpretativas destinadas a divulgar o património material e imaterial de Vale de Ílhavo, aldeia de onde é natural, combinando, sem conflito, o cosmopolitismo da cultura clássica com o amor à pequena pátria onde se nasceu. Pressente-se, nesse regresso ativo à comunidade de origem, um lastro que prolonga coerentemente o seu percurso universitário: a mesma vocação de mediação, o mesmo desejo de tornar inteligível o passado, a mesma fidelidade à ideia de que o saber só plenamente se cumpre quando se torna partilhável.

"Com que disposição se retira o sábio para o ócio?" — pergunta Séneca no tratado *De otio*, para logo responder: "Com a consciência de que, também então, fará coisas pelas quais será útil aos vindouros". Assim será, sabemo-lo de ciência certa, com o Professor João Torrão, ontem como hoje empenhado nesse superior ofício de construir pontes. Este volume, nascido da gratidão, da admiração e do reconhecimento dos que nele quiseram participar, é — assim o entendemos — mais uma dessas pontes, ligando o magistério recebido à memória que permanece, e esta à continuidade fecunda do trabalho que outros, por seu exemplo, hão de prosseguir.

Os Organizadores

Ana Margarida Ramos
António M. L. Andrade
Emília M. Rocha de Oliveira
Paulo Alexandre Pereira